

HISTÓRIA ORAL: QUESTÕES E INDICAÇÕES PARA O DEBATE

Heloisa Helena Pacheco Cardoso¹

PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de História Oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010. 258 p.

História Oral é um campo que tem se projetado no Brasil nos últimos decênios, principalmente no meio acadêmico. Sua afirmação possibilitou a criação da Associação Brasileira de História Oral – ABHO, em 1994, congregando estudiosos e pesquisadores de várias áreas do conhecimento, e não só historiadores, que possuem como eixo comum o fato de utilizarem a história oral nas suas investigações. A criação da Associação, e das diversas seções regionais a ela ligadas, expressa uma tendência internacional que se consolida na criação, em 1996, da International Oral History Association.

Apesar do uso do termo “história oral” no singular, o que podemos observar é uma variedade de caminhos de interpretação sobre a documentação produzida com a gravação de entrevistas e o uso diferenciado delas nos resultados de pesquisa. O próprio termo é objeto de discussões quanto ao seu significado, explicitando posições que vão do entendimento da história oral como metodologia – para a qual seria possível criar manuais – a posicionamentos teóricos oriundos das diversas áreas do conhecimento e a elas relacionados. Se considerada como documento produzido na relação entrevistado/entrevistador, o uso das fontes orais suscita questões importantes para o debate, como o enfrentamento da subjetividade da narrativa e sua confiabilidade.

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia. Doutora em História Econômica pela Universidade de São Paulo.

Neste campo hoje tão emblemático, onde as fontes orais devem ser indagadas pelo pesquisador a partir das suas próprias proposições ou problemáticas de pesquisa, como fazemos com qualquer documentação, a publicação, no mercado brasileiro, de mais uma obra de Alessandro Portelli tem um valor especial na medida em que ela fortalece o debate, indicando novas propostas para discussão. Longe de ser um manual, o autor traz temas e problemas, trabalhando-os a partir de sua experiência com a gravação de entrevistas, inserindo seus posicionamentos a partir delas e buscando nelas as relações possíveis entre história e memória.

Ensaio de História Oral reúne 10 artigos de tradução inédita para o português. Todos de autoria de Alessandro Portelli, professor de literatura norte-americana na *Università di Roma La Sapienza* e fundador do *Circolo Gianni Bosio*, um centro de pesquisa sobre culturas populares. A apresentação da coletânea foi feita por Yara Aun Khoury, historiadora e professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. A maioria dos textos selecionados foi publicada no livro *Storie Orali: Racconto, immaginazione, dialogo* (Roma: Donzelli, 2007). Há uma tradução do original inédito, em inglês, intitulada “A América e os subsolos: O início da história e a construção de identidades em uma periferia romana”. Neste ensaio a proposta é analisar identidade e memória de Centocelle e adjacências, uma região de Roma, historicamente ocupada pela classe trabalhadora. Com uma população imigrante crescente, vinda da África, Ásia e América Latina, as muitas narrativas apontam a diversidade social e cultural de seus habitantes e como diferentes memórias são construídas e reconstruídas por eles.

Na apresentação do livro, Yara Aun Khoury destaca a importância das reflexões do autor para as investigações desenvolvidas por pesquisadores brasileiros. Refletindo “as problemáticas do sujeito, da cultura, da consciência social e da memória, assim como da representatividade social e histórica das narrativas pessoais e únicas”, os textos de Portelli, muitos publicados no Brasil antes deste *Ensaio*, têm possibilitado debates e avanços no campo da História Oral, enfrentando

questões como a relação entre história e memória, lembrança e informação, cultura letrada e popular, individualidade e representação social, dentre muitos outros.

Para aqueles que lidam com narrativas orais no meio acadêmico, ou fora dele, a leitura deste livro pode ajudar a trazer para o debate os significados das quais elas são portadoras, para além da busca de informações ou confirmação de fatos. Considerando que as narrativas orais devam se processar como experimento em igualdade, como uma troca entre pessoas que têm interesse comum nos mesmos relatos, mas ao mesmo tempo elaboram interpretações a partir de lugares sociais e políticos diferenciados; considerando que qualquer objetividade é confrontada pela subjetividade dos sujeitos que narram, e que toda narrativa individual se insere em padrões culturais compartilhados, podemos afirmar que a história oral é um caminho metodológico que requer um investimento dos pesquisadores de várias áreas do conhecimento que lidam com ela, no sentido de avaliar o já percorrido, os diferentes posicionamentos frente à oralidade e sua utilização como fonte na investigação, para confirmarmos ou propormos novas questões que possibilitem avançar nas nossas proposições.

Dentre os artigos que compõem esta coletânea, destacamos dois, escritos em tempos diferenciados (2007 e 1988), para indicar a importância das contribuições ali contidas, sem desconsiderar os outros, mas muito mais pela imposição dos limites de uma resenha. Em *Sempre existe uma barreira: A arte multivocal da história oral*, o primeiro texto da coletânea, o autor busca demonstrar como “a relação entre história e memória toma forma na narração oral”, esta como resultado de um diálogo entre duas ou mais pessoas, onde se cruzam relatos e lembranças diferenciadas.

As reflexões são propostas a partir de uma conversa com dois narradores, o pastor Hugh Cowans, pregador batista, sindicalista e ex-mineiro, e sua esposa Julia. Eles contaram sobre suas vidas e a região mineradora de Harlan County em Kentucky desde os anos de 1930. O diálogo que se estabelece

não é apenas uma conversa de cada um com o entrevistador, mas também entre eles próprios. O diálogo entre o entrevistador e os narradores provoca lembranças diferenciadas, ao mesmo tempo relatos de experiências individuais e expressão de experiências compartilhadas, o que dá às narrativas uma representatividade por expressar situações vividas por eles, mas também por outros. Deste trabalho com a história oral, Portelli nos apresenta uma consideração importante para o trabalho de campo: “a história oral é uma arte que requer vários sujeitos, para os quais a diferença é tão necessária quanto a consonância. Muito da dramaticidade e da eloquência da entrevista derivam da consciência da separação e diferença que existe entre nós”

O entrevistador provoca memórias, mas “a entrevista é uma arte multivocal, resultado do trabalho comum de uma pluralidade de autores”. Este posicionamento define o subtítulo do artigo, que se completa na observação de que no trabalho com as narrativas orais, a diferença é tão necessária quanto a semelhança. Sempre existe uma barreira entre entrevistados e entrevistadores (no caso analisado, entre brancos e negros) que pode ser enfrentada pelo respeito ao território do outro.

Observar como a fala é portadora de múltiplas experiências, a partir do emprego de pessoa e tempos verbais diferenciados, é também uma das grandes contribuições deste texto. Lidando, em uma mesma narrativa, com a 3ª pessoa do plural (eles) e 1ª pessoa do singular (eu) e do plural (nós), associando-as no relato, o pastor Cowans, no trabalho de campo descrito por Portelli, projeta ao mesmo tempo sua imagem de trabalhador, de representante sindical, de pastor na sua luta por identidade e sobrevivência. Os referenciais de espaço e tempo da Sra. Cowans são outros, embora estivesse vivendo a mesma época cronológica.

Exemplificando essas diferenças nas duas narrativas, produzidas em um diálogo comum com o entrevistador e construindo lembranças sobre um mesmo tempo vivido, reproduzimos duas falas que nos ajudam a perceber esse posicionamento do autor:

Então, pode gravar tudo que quiser. Enfim. Antes de tudo, enfim, vou falar meu nome. Eu sou o pastor Hugh Cowans Junior, e moro em Marriot Drive, 3753. Vocês vieram atrás de informação e eu vou dar com muito prazer. Então, nos anos 30 quando comecei na mina, eu era só um menino. Não tinha nem feito 13 anos, na verdade 14, porque naquela época você podia ir para a mina, te pegavam com qualquer idade. (Sr. Cowans, p. 21)

Bom, eu, eu nasci e cresci naqueles lugares, em Cardinal, Kentucky, no Sul, nas montanhas, Bell County. E a única vida que eu conhecia, você sabe, eram as minas. Meu pai, meu avô, meu bisavô – todos eram mineiros. E, como meu marido te disse, quando eu era pequena as minas eram uma desgraça. Você não vivia: existia e nada mais. Existia e nada mais (Sra. Cowans, p. 25)

Na primeira narrativa o foco situa-se no trabalho na mina. Cowans se descreve, ao longo da entrevista, como trabalhador, conhecedor de suas funções, e representante sindical, defendendo os interesses da classe, contra os chefes das minas e contra proprietários racistas. Os relatos sobre família e casa, feitos na primeira pessoa do singular, são interligados às referências gerais e sociais. Na segunda, a história começa no nascimento e os eixos situam-se na casa e na vila. Para a Sra. Cowans, o social vivido é a fundamentação de sua história pessoal, esta sim o eixo de seu discurso. A construção de sua fala em torno da vivência na vila se justifica porque as mulheres lidavam com o dia a dia fora das minas e é um referente à divisão da experiência naquela comunidade na qual viviam.

Na organização verbal dos acontecimentos, os conteúdos são trazidos pela memória e apresentados na descrição e nos diálogos que acontecem no espaço da entrevista, influenciados também pelas reações e interrupções. O que se estabelece é uma relação dialógica e não um monólogo para uma platéia inerte. É nesse ambiente, que vai se emoldurando paulatinamente, que se exerce a arte de contar.

Outro texto que destaco nesta resenha é “O melhor limp-latas da cidade: A vida e os tempos de Valtèro Peppoloni”, trabalhador, publicado em 1988 em *Oral History Review*. Nele, Alessandro Portelli discute a questão da representatividade das narrativas orais que coletamos. O que faz uma história ser representativa e única?

Para enfrentar esta questão, o autor lida com a entrevista de Valtèro Peppoloni, gravada em 1981. O objetivo é demonstrar como uma história de vida se relaciona com padrões compartilhados de cultura. Nascido em 1916, este narrador constrói uma história que passa pela lembrança do pai, um socialista simpatizante, pela mudança para Terni, o trabalho da família como meeiros, os empregos que teve. Descreve sua experiência como jovem fascista, veterano na Guerra Civil Espanhola, depois no *front* grego, e o trabalho na aciaria em Terni. Juntou-se ao Partido Comunista, mas foi crítico com a liderança, embora reconhecendo que “o partido ajudou a aumentar a minha consciência, a lutar como um trabalhador”. Na descrição dos fatos, Peppoloni elabora um enredo percebido na forma como os organiza, nos significados que dá a eles, valorizando a si próprio como sujeito. É uma relação complexa a que se estabelece entre ele e o entrevistador, aparentemente carregada da simplicidade como relação amiga entre duas pessoas, o que confere à linguagem uma importância essencial enquanto prática social.

Na sua narrativa, as estruturas linear e circular se imbricam. Podem ser vistas nas definições que ele faz de si mesmo como travesso, indisciplinado, rebelde, mas ao mesmo tempo trabalhador consciente, capaz de perceber as nuances das relações sociais que viveu. A sua história é única, mas não é só dele, ela é compartilhada com a família, com outros trabalhadores de sua geração e apresenta indícios que também estão presentes em outras histórias. Na análise de Portelli, o desafio trazido por esta narrativa é “identificar o que é comum e o que é individual na história de Valtèro Peppoloni”.

O que nos perguntamos é: por que desafio? Não seria suficiente separar o eu do nós? A resposta não parece tão simples

e ela se situa na noção de cultura, que Portelli compara a um mosaico “no qual cada peça se encaixa com as outras, mas é diferente de todas elas”.

Neste sentido, essa entrevista é única pela forma como o entrevistado constrói sua trajetória pessoal, imbricada com as relações políticas e profissionais nas quais se inseriu, apontando elementos de uma cultura da classe trabalhadora também presentes em outras narrativas. A relação entre esses elementos e a harmonia entre certas referências, o que Portelli entende como simetria, acontecem, portanto, em torno de um eixo, a cultura de classe. Nas suas palavras:

o que torna essa história intensamente pessoal é, no fim das contas, a completude, a profundidade e a intensidade do uso que ela faz de traços culturais compartilhados. É por isso que eu a chamo de ‘representativa’ e não de ‘típica’: uma ‘gramática de motivos’, como um repertório, ela não descreve a ‘experiência média’, mas lista os ingredientes de uma possibilidade compartilhada.

A representatividade das narrativas que escolhemos é sempre uma questão emblemática. Não é só pela capacidade de narrar os fatos, nem só pela quantidade de informações ou articulação entre elas, como também não é exclusivamente pelo ineditismo dos acontecimentos descritos, ou a forma de contar diferenciada que uma entrevista se torna representativa para a pesquisa. No outro extremo, também não é só pelo fato dela descrever uma “experiência média” que ela se torna importante para nós. Esta é uma questão aparentemente simples, mas que revela aos poucos uma complexidade que nos obriga a posicionamentos teóricos nos nossos trabalhos com fontes orais. Se as entendermos como tal, ou seja, fonte, procedimentos que utilizamos no trato com outros documentos são, neste caso, também apropriados.

As observações sobre esses dois textos indicam para o leitor a importância das reflexões propostas em todo o elenco. Além dos dez textos, a apresentação de Yara Aun Khoury também é portadora de instigantes propostas de reflexão para aqueles

que lidam com narrativas orais nos seus trabalhos. Apontamos algumas questões, que entendemos cruciais, a partir dos artigos que destacamos, deixando agora para o leitor a avaliação de toda a obra. Esperamos que aqueles que se interessam pelo tema se sintam motivados a lê-la.

Fica aqui o convite para conhecer o livro no seu conjunto, adentrando nos caminhos propostos pelo autor e, com ele, discutindo posições teóricas e metodológicas no trato com as fontes orais. Como destaca Khoury, Portelli nos apresenta “um olhar comprometido com a realidade social e atento aos modos ainda pouco reconhecidos como as pessoas comuns a vivem, a interpretam e a entretencem”, apontando para a necessidade de outras dimensões importantes na construção de nossos caminhos de pesquisa com história oral.

Recebida em janeiro de 2011.

Aprovada em abril de 2011.